

ficar pensando muito no futuro e isso está sendo interessante porque infelizmente hoje o mercado é instável. Amanhã o Facebook pode deixar de existir e vir outra rede social, algo que nem conhecemos”.

Na opinião da jornalista, ser fluxer é um estilo de vida que vai além da postura no ambiente de trabalho porque acredita que o limite entre a vida pessoal e profissional está cada vez mais próximo. Ela exemplifica o caso de empresas que adotam o esquema home office alguns dias da semana.

“Muitas vezes pode ser mais produtivo do que ficar oito ou dez horas no escritório. Vejo isso pela minha experiência porque tenho o privilégio de trabalhar em casa, cuidando dos meus cães, consigo conciliar meus horários para fazer aulas de ioga e teatro, mas na hora de trabalhar sou mais produtiva, consigo pensar em novos projetos porque tenho mais liberdade e inspiração”, comenta ela ao justificar que não é contra o regime de Consolidação das Leis dos Trabalho (CLT). “Muito pelo contrário, sou complementar a favor das leis trabalhistas. Só

acho que as empresas poderiam ser mais flexíveis, rever alguns conceitos, inclusive ao perceber o contexto de cidades onde estão como é o caso de São Paulo que está cada vez mais difícil de se locomover. Há funções em que é possível adotar o home office, o que já seria uma alternativa. É possível se inovar dentro de uma empresa CLT”, avalia.

E desde quando Juliana descobriu que existe a possibilidade de não trabalhar todos os dias das 9 às 18h, no mesmo lugar, por exemplo, ela avalia que se reencontrou profissionalmente e conta que novas oportunidades surgiram em sua carreira.

“Além da experiência em veículos impressos, descobri que poderia apresentar vídeos, aprendi a produzir roteiros. Sempre fiz teatro amador e nunca imaginei que poderia aliar meus conhecimentos e ganhar dinheiro com algo que gosto de fazer. As pessoas valorizam as experiências que você tem”, avalia ela que também morou no exterior durante dois anos, fez curso de contação de histórias, trabalhos

de narração e locução. “Faço frilas em várias áreas do jornalismo e do teatro. Estou aberta às experiências e as coisas estão acontecendo”, comemora.

Para ela, o maior desafio para o fluxer é se aceitar e ser aceito pelos outros. “O mercado de trabalho sempre foi de um jeito, temos os exemplos de nossos pais que dedicaram anos na mesma empresa, e a sociedade quer que a gente se encaixe em vários padrões. Percebi que é possível se libertar desse modelo, que trabalhar na instabilidade não é ruim. Não sou preguiçosa por não me enquadrar na rotina diária de um trabalho fixo, pelo contrário, tenho tempo livre para poder estudar, fazer cursos, entender quem eu sou. O desafio de estar sempre atendida é algo que move os fluxers”. E Juliana, que não costuma fazer planos para o futuro, atualmente se dedica ao curso profissionalizante de teatro e tem vontade de desenvolver algum projeto para alunos de escolas públicas. “Sempre tive vontade de dar aulas de teatro para crianças e pretendo investir na carreira de atriz”.

CARACTERÍSTICAS

A professora Eline Rasera elencou as características positivas e negativas de cada geração:

BABY BOOMERS:

POSITIVO: Conhecimento e experiência. Maior tolerância e bom senso. Intuição para tomada de decisões mais desenvolvida.

NEGATIVO: Dificuldade para interagir e aceitar as demais gerações, menor conhecimento da tecnologia e padrões mentais mais rígidos.

GERAÇÃO X:

POSITIVO: Domínio e facilidade com a tecnologia e para lidar com diversidade presente nas equipes. São comprometidos com as empresas, valorizam competências.

NEGATIVO: Certa resistência e insegurança diante da geração Y – mais rápida e inovadora.

GERAÇÃO Y:

POSITIVO: Inovação, rapidez de raciocínio, total domínio da tecnologia, experiências no exterior o que facilita pensamento mais sistêmico e lidar com a diversidade. Preocupação maior com meio ambiente.

NEGATIVO: Pouca “paciência” para os desafios. Querem rapidez e o mundo é o limite. De tanta oportunidade podem perder o foco e dificultar escolhas.

GERAÇÃO Z:

POSITIVOS: facilidade para tomada de decisão (sistema neurológico mais estimulado), maior preocupação com o meio ambiente, capacidade de inovação acelerada, maior aceitação de diferenças – novas culturas.

NEGATIVO: Menor capacidade empática. A falta de diálogo “olho no olho” poderá dificultar o aprendizado e consequentemente a formação de padrões mentais que permitem a identificação dos sentimentos do outro pelas expressões faciais e corporais – menor desenvolvimento dos “neurônios espelhos”.